

[a l p h a b e t] EVENT

Lugar-Livro: a partir da letra A de Paul Valéry

António Barros

António Dantas

Galeria dos Prazeres • 10 ago - 03 set

Começar de novo e a cada tempo. Enunciou-nos Almada na sua Luso distintiva obra "Começar".

Letra primeira no lugar e gesto, a começar, é também a letra A.

Encontra-se no "Alphabet" de Paul Valéry, e é essa leitura, *letrizante*, quem convoca uma iniciática presença dos dois autores - António Barros e António Dantas - a intervirem na aura envolvente da galeria que aqui se enuncia - Galeria dos Prazeres.

O lugar abre-se a uma espacialidade conjugada: a do objeto *obgesto* e a do desenho *afirmação do corpo*. Ambas as *artitudes* desafiam. Procuram *concretizar* o "dizer" que se transfigura. Aquele que quer transcender o *signal*.

Este convite à leitura, a uma leitura múltipla e de diferentes modos do sensorial, desafia outras condições semânticas aos sentidos do leitor. Resulta galvanizadora de uma vivenciação performativa no *espaço habitado* - um construir de um pretense *objeto-livro, lugar-livro, tempo-livro*. Plural.

Umberto Eco, citando Suger, (re)afirma deverem ser as catedrais livros de pedra. O lugar Galeria de Arte, hoje, colhe-lhe o modo e a *moldura* como forma de a libertar de novo. Uma hermenêutica do lugar e do utente. O que aí reside vago, elegendo um temp(l)o de *contemplação* e o que a nega. Sempre no Espaço-Lugar-Livro-Habitado. Tudo num "preto branco confiança". Nesse limbo.

Estas palavras primeiras podem resultar contributivas de uma orientação de leitura. Um olhar potencial para uma semântica convulsiva e gritante. Como quem procura um sentido para a sua própria condição. Um elogio do lugar ausente. Ausente, só presente na razão de um imaginário que busca ficção e visita uma transfiguração do ser comum na procura de uma transcendência de si.

Esta visitação contaminante faz resultar o lugar numa pretensa "escultura social". Beuysiana. Fluxista. Onde o ser e seu contrário se requalificam procurando um sentido para a coisa artística. Como pulmão desse ser que se condiciona para além da sua própria razão.

Valéry começa por acordar o Sono. E é nessa condição letárgica que a atitude/artitude "obgestualizante" se resolve enunciando novas solturas sintonizadoras. Mas também genômáticas de novos valores iluminantes de um ser essencial. Do seu "Vulto Limite". Para além de todas as resiliências e molduras operativas. Para além de um lugar que só o ser arte comunga. O ser vivenciante. O que permite razão de ser. De um ser "progestualizante". Vivenciável. Comungante. O da transcendência de si. O ser Arte. ArteVida.